

Caio Riter coleciona premiações e catálogos internacionais em mais de três décadas de carreira

TÂNIA MEINERZ/JC

Reportagem Cultural



A construção de uma obra voltada à juventude

Rafael Gloria, especial para JC

Antes de publicar livros para o público infantojuvenil, Caio Riter escreveu um à mão. Ele almejava criar um presente único e, para isso, resolveu moldar página por página de uma publicação especial, costurando texto e imagem. A obra tinha uma destinatária certa: a esposa, Elaine Maritza, grávida da primeira filha. “Eu queria dar um presente diferente, que só ela tivesse.” A ideia veio de uma sugestão antiga, repetida dentro de casa. “Ela

também é editora e dizia que eu levava jeito para escrever para criança, mas eu não escrevia.”

Havia, segundo ele, um olhar de desconfiança sobre esse campo, especialmente nos anos 1990, como se fosse um gênero menor. “Um preconceito bastante grande com quem escreve literatura para jovens, achando que qualquer coisa serve, que é fácil de fazer. E, na verdade, há um compromisso muito maior no processo.” O presente fabricado de forma artesanal ajudou a marcar também um momento de

virada para a nova carreira.

Uma trajetória agora já bem consolidada e que reúne mais de uma centena de obras publicadas, com foco em livros infantis, juvenis, mas também com algum espaço para contos, poesia e adaptações literárias. Ao longo de mais de três décadas de carreira, Riter construiu um percurso marcado por ampla circulação em escolas e programas de leitura, além de presença constante em seleções e catálogos internacionais. Seu trabalho foi reiteradamente destacado por

premiações relevantes, como o Açorianos de Literatura e indicações ao Jabuti.

Um acontecimento importante foi a conquista, em 2005, da primeira edição brasileira da prestigiosa premiação Barco a Vapor, de literatura infantil e juvenil, que marca a sua entrada no circuito nacional. Até então, embora já fosse muito conhecido no Rio Grande do Sul, ele buscava ampliar seu alcance.

A virada veio com a chegada da Edições SM ao Brasil, responsável pelo prêmio. “A minha

esposa chegou em casa com o regulamento”, lembra. Ao perceber que mesmo não vencedores poderiam ser publicados, decidiu apostar. Escreveu *O rapaz que não era de Liverpool* e enviou. “Para minha surpresa, eu ganhei”, conta. A conquista, em 2005, projetou seu nome. Após o lançamento, diversas editoras de outros estados do País passaram a procurá-lo.

Annete Baldi, da editora Projeto, que já trabalhou em publicações de Caio Riter, diz que ele é um autor muito opinativo. “Ele se coloca em situações públicas: é politizado e não se exime do seu papel de cidadão por ser uma figura pública. Além de escritor, é professor, especialmente de adolescentes, público com o qual trabalha diretamente na escola, e com o qual seus textos encontram identificação”, afirma.

Caio Riter é descrito por seus pares como um autor de ampla atuação e múltiplas camadas, tanto na escrita quanto no campo mais amplo da literatura. Para a professora e pesquisadora Gláucia de Souza, ele “é um escritor versátil, que transita por diferentes gêneros literários, da narrativa à poesia, incluindo a prosa poética e a adaptação de clássicos da literatura para leitores jovens e crianças com a mesma maestria”. Ao olhar para a produção voltada à juventude, ela destaca um estilo próprio, que se comunica com os jovens leitores através de linguagem leve. Nesse processo, um elemento ganha relevo: “a intertextualidade é uma forma de Caio proporcionar ao jovem leitor a ampliação de seu repertório de leitura”, diz Gláucia, ao apontar o diálogo constante de seus textos com outras obras, filmes e canções.

O escritor, poeta e compositor Alexandre Brito também destaca Caio como um artista de múltiplas competências. “Do criador ao professor, passando pelo crítico e pensador da literatura para a infância e juventude. Ele é um escritor da maior relevância na cena nacional e regional, seus prêmios e distinções são a prova disso. E, como se não bastasse, tem uma atuação importante como articulador em defesa do setor do livro e da leitura”, aponta.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

O futuro distópico da cidade

Falecido há menos de um ano, o dramaturgo Julio Zanotta Vieira, cuja obra, felizmente, conseguiu ser editada em livro, deixou, como herança, um texto inédito, denominado *Colapso e destruição da cidade de Porto Alegre*, que o diretor João de Ricardo, da Cia. Espaço em Branco, estreou durante o Porto Verão Alegre e agora vem mostrando em pequenas temporadas, como esta recente no Teatro Renascença.

Trata-se de um texto apocalíptico e, ao mesmo tempo, de humor ácido e corrosivo, bem ao gosto de Zanotta que, desde suas primeiras aparições, quer enquanto autor, quer enquanto diretor, nunca deixou de ser voluntária e objetivamente provocador, inclusive montando o texto deixado por Mario de Andrade do que deveria ser um libreto de ópera, *O café*, jamais musicado.

Pois agora, com apoio de um projeto da Sedac e da Fundação Theatro São Pedro, mais uma escola de teatro de São Paulo, além do edital Aldir Blanc, o texto de Zanotta, que chegou a acompanhar o início da produção em seus últimos dias de vida, pode ser conhecido. Graças aos financiamentos e apoio, vê-se que a Cia Espaço em Branco pode fazer uma produção cuidada - o

que não quer dizer rica - e esmerada em sua criatividade, em especial na parte de iluminação que é, também, de cenografia, graças ao próprio diretor, Jorge Gil e Leandro Roos, que espalharam lâmpadas de néon por todo o espaço cênico.

O espetáculo tem quase duas horas de duração, reiterando a estética bastante caótica da dramaturgia de Zanotta, neste caso, sob um formato aproximado da revista musical. Deve-se lembrar que a revista musical, ao final do século XIX, estreava no início do ano seguinte ao que era comentado pelo espetáculo, misturando música e esquetes que abordavam os fatos considerados mais relevantes do ano anterior.

Anildo Böes, Giovana de Figueiredo, o próprio diretor João de Ricardo, Keter Velho e Rodrigo Fernandez, além de Sissi Venturin e Marcelo Adams, constituem um elenco homogêneo e equilibrado, em que o coletivo se sobressai. Os figurinos de Da-

niel Lion concretizam a ideia de uma ação atemporal, com trilha sonora ao vivo de Rodrigo Fernandez e Artur Wais (ausente na noite em que assisti ao trabalho).

A dramaturgia de Zanotta usa fatos recentes - neste caso, a enchente de 2023 - como estopim das situações apresentadas, que mesclam os desvios da administração pública, citando-se indiretamente tanto o prefeito Sebastião Melo quanto o governador Eduardo Leite, com a atuação de empresários, sobretudo do segmento imobiliário, a quem se responsabiliza pelos desvios de obras prejudiciais ao meio ambiente. A corrupção política brasileira também se faz presente, assim como a crítica a costumes vistos pelo dramaturgo como conservadores e socialmente falsos.

Mesclando o discurso militante com a ironia sempre mortal e direta a uma série de acontecimentos reconhecidos por todos os espectadores, o espetáculo arranca risos e gargalhadas, mas também participa de um processo de autoconscientização quanto aos contextos enfrentados, em especial as dificuldades para a prevenção de tragédias e as medidas tomadas posteriormente para a recuperação da cidade. A estrutura de revista musical evidencia a

qualificação do elenco, que tanto interpreta os tipos abordados em cena quanto canta e dança, resultando em um trabalho de ritmo constante e equilibrado, o que garante a constante atenção e interesse da plateia.

Com sua perspectiva distópica, *Colapso e destruição da cidade de Porto Alegre* é uma grande herança de Zanotta ao teatro local e nacional. Com este texto, criado especialmente para o grupo que o apresenta neste momento, o dramaturgo, mais uma vez, discutia temas de sua predileção: a falibilidade dos papéis sociais (conceito de Erwin Goffmann), as questões de meio ambiente, o predatório sistema capitalista, em especial o imobiliário. O que é mais importante, neste caso, é que, para além do debate, Zanotta legou um texto que o diretor João de Ricardo foi capaz de transformar em um espetáculo divertido e, ao mesmo tempo, sério e contundente. Trabalho que marca, desde logo, a atual temporada.

Com sua perspectiva distópica, Colapso e destruição da cidade de Porto Alegre é uma grande herança ao teatro local e nacional



Reprodução de um guia da TV mexicana, que supostamente mostra cena do episódio lendário

Há 35 anos, ia ao ar o Revolvinho do Chaves, episódio perdido que virou lenda entre fãs

Igor Natusch

Há 35 anos, nascia uma das mais persistentes lendas urbanas do universo das *lost media* - produtos audiovisuais que, por diferentes motivos, deixam de estar acessíveis e se tornam obsessão para fãs e colecionadores. No caso, o enigma tem todo o espírito da televisão brasileira, embora se refira a um personagem ícone da cultura pop latino-americana. Um mistério que, há décadas, não descansa: afinal, o episódio do *Revolvinho do Chaves* existe mesmo?

Tudo teve início em 25 de abril de 1991, quando uma enchente atingiu o bairro Vila Guilherme, em São Paulo, onde estavam localizados à época os estúdios do SBT. Com as instalações debaixo d'água, a emissora foi forçada a derrubar parte da programação. De acordo com quem estava assistindo o canal na ocasião, o telejornal *TJ Brasil* foi substituído por alguns minutos por uma exibição emergencial do seriado *Chaves* - e o episódio que foi ao ar pegou todo mundo de surpresa, por mais de um motivo.

Os relatos são todos de memória, já que não existe (até onde se saiba) ninguém que tenha gravado a atração em uma VHS caseira ou algo assim. Na tela, viu-se Chaves (interpretado por Chespirito) assustando os demais moradores da vila com um revólver de plástico, cujos 'disparos' coincidiam com o estalar de bombinhas de São João. Um enredo que lembra o conhecido episódio *Bombinhas São Perigosas, ainda mais em mãos erradas*, de 1976, no qual as crianças brincam de Guerra da Independência. Porém, quem assistiu garante que não era o mesmo episódio, mas uma versão bem diferente. Mais: há relatos de pés juntos que o capítulo saiu do ar bem antes do final, já que a fita exibida estava com a imagem estragada e cheia de flutuações. Seja como for, quem viu, viu: o tal *Revolvinho do Chaves* nunca mais foi ao ar no Brasil, e até hoje não deu

as caras em serviços de *streaming* como GloboPlay e Amazon Video.

É aqui, aliás, que a coisa se complica. Segundo fãs que pesquisam a fundo a história do seriado, o mais provável é que o tal capítulo seja parte de uma compilação de antigos quadros gravados em 1972, exibida pela última vez pela Televisa (emissora original de *Chaves*) no ano seguinte e que não consta mais nos pacotes vendidos pelo canal. Ou seja, é um episódio perdido no mundo inteiro, que ninguém assiste há mais de 50 anos - exceção, talvez, aos brasileiros sentados na frente da TV naquele começo de noite de 1991.

Hoje em dia, sabe-se que o episódio em si não é uma lenda: sua existência está comprovada por pesquisas em guias da TV mexicana da época da exibição original, e uma planilha do Ibope da semana de 22 a 28 de abril de 1991 comprova que, no dia 25, foi ao ar uma exibição não prevista de *Chaves*, a partir das 19h03min - a única nessa faixa horária durante todo o mês, oscilando entre 3 e 4 pontos de audiência. Ou seja, é bem possível que o SBT tenha (ainda que deteriorada) a única cópia conhecida de um episódio avidamente perseguido por fãs de Chespirito no mundo inteiro.

Certeza mesmo, porém, ninguém tem. Sempre que consultado, o SBT responde de forma evasiva - algo até compreensível, já que nem o próprio canal deve saber ao certo o que foi ao ar naquele dia caótico de chuva em São Paulo. Mas a busca persiste: nos últimos tempos, fanáticos pelo seriado têm desenterrado episódios que nem a Televisa possui mais - recentemente, uma raríssima aparição da personagem Malicha, que os fãs nem tinham certeza que existia, foi encontrada numa coleção particular na Colômbia. Ou seja, sempre há a chance de alguém ter gravado o *Revolvinho do Chaves* e a fita estar esquecida em algum porão ou fundo de armário por aí.

fique ligado

LEO AVERSA/DIVULGAÇÃO/JC

A viagem musical e cósmica de Guilherme Arantes



Músico sobe ao palco do Araújo Viana neste sábado, trazendo uma coleção de sucessos de sua carreira

Um dos nomes mais consagrados da música brasileira, Guilherme Arantes retorna a Porto Alegre para show no Auditório Araújo Viana (Oswaldo Aranha, 685) neste sábado, às 21h. A apresentação integra a turnê *50 Anos-Luz* e tem ingressos disponíveis

no Sympla, por valores a partir de R\$ 120,00.

Trazendo hits como *Planeta Água* e *Cheia de Charme*, Arantes também não vai deixar de fora do repertório as canções que foram incluídas na trilha sonora de novelas globais, revisitan-

do seu meio século de carreira na música.

O show faz parte da turnê que comemora os 50 anos de carreira do compositor e vem percorrendo o País. Para este ano, o autor ainda promete o lançamento de um novo disco de inéditas.

Índio Behn grava especial ao vivo

Neste domingo, o comediante Índio Behn grava um especial de comédia da personagem Dra. Rosângela com o espetáculo *Tratamento de Choque*, no Teatro do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80). A primeira sessão esgotou e

um segundo horário foi aberto, às 16h. Ingressos no site Uhuu, a partir de R\$ 30,00.

Dra. Rosângela retorna à capital gaúcha para eternizar em vídeo um dos momentos mais importantes da carreira do artista.

Conhecida por sua sinceridade ácida e humor provocador, a personagem conduz o público por um 'consultório' nada convencional, onde terapia, ironia e críticas bem-humoradas se misturam em uma experiência única.

Reflexão sobre a passagem do tempo

O espetáculo *Idade é um sentimento* volta a cartaz em única apresentação no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089), sábado, às 20h. Ingressos no site do Theatro São Pedro, a partir de R\$ 15,00.

A narrativa costura o texto *Age is a feeling*, de Haley McGee,

com escolhas do espectador sobre quais recortes de vida da personagem serão contados. Há cenas fixas e outras que são selecionadas pela plateia. Ou seja: a cada apresentação, quem vai ao teatro pode optar por ver uma peça diferente, e as intérpretes precisam estar prepara-

das para encenar todos os momentos das dores, desafios, enfrentamentos e celebrações da vida dessa mulher ao longo da vida. A peça traz a atriz Gabriela Munhoz ao lado da cantora, compositora e performer Paola Kirst, sob direção geral de Camila Bauer.

Mergulho na intimidade de Iberê Camargo

As histórias sobre Iberê Camargo viraram livro. *Pintor. Des-pintor. Faxineiro. Doutor: o Iberê Camargo* será lançado nesta sexta-feira, a partir das 19h, na Galeria

Tina Zappoli (Cel. Paulino Teixeira, 35). O livro reúne causos do convívio dos autores Enio Soliani Junior e Christina Thereza Dias de Aguiar com o grande artista gaúcho. Com

entrada franca, o lançamento também conta com uma mostra de obras de Iberê. O livro conta, em pequenos textos, o processo criativo, os modos e os meios com que

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 24 DE ABRIL

- 🕒 **16h** - Lançamento do livro de poesias *Resultado Zero*, de Maria Joaquina Carbunck Schissi. Sessão de autógrafos na Confeitaria Maomé (Vicente da Fontoura, 1.857). Livre.
- 🕒 **20h** - Violinista alemão Oscar Bohórquez e maestra italiana Vanessa Benelli Mosell se juntam à Ospa no concerto *Monumentos do Romantismo*. Antes, palestra Notas de Concerto, às 19h, com Silvano Cielo Guerra. De R\$ 15,00 a R\$ 70,00 no Sympla ou na bilheteria do local, a partir das 15h. Estacionamento gratuito disponível no local.
- 🕒 **21h** - Verônica Ferriani revisita o repertório de Nara Leão no Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). Entradas esgotadas.
- 🕒 **21h** - Rock gaúcho do TNT celebra quatro décadas de sucessos com show no Auditório Araújo Vianna (Oswaldo Aranha, 685). A partir de R\$ 90,00, no Sympla.
- 🕒 **21h** - *Djavan - O Musical* cumpre temporada no Teatro do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80). A partir de R\$ 25,00, em Uhuu.com e na bilheteria do Teatro. Repete sábado, 17h e 21h.

SÁBADO, 25 DE ABRIL

- 🕒 **14h às 18h** - Casa Cadica (Gen. Caldwell, 866) promove evento *Portões Abertos*, com oficinas, apresentações e estúdio fotográfico aberto ao público. Atividades gratuitas. Informações nas redes sociais da Casa.
- 🕒 **17h** - Romance *Entre marés* (Libretos), de Maria Helena Weber, tem lançamento no Multipalco Eva Sopher (Riachuelo, 1.089). Inclui performance *Andaime (Des)Construção do Amor*, do Grupo Geda. Livre.
- 🕒 **19h** - Altair Martins autografa *Tango Para Homens Velhos* na Livraria Clareira (Henrique Dias, 111). Entrada franca.
- 🕒 **20h** - Espetáculo *O Fantástico Circo-Teatro de um Homem* Só completa 15 anos e estará em curtíssima temporada na Zona Cultural (Alberto Bins, 900). R\$ 60,00, com opções de meia-entrada, no Tri.RS. Repete domingo, 19h.
- 🕒 **20h** - Galpão Floresta Cultural (Rua Conselheiro Travassos, 541) recebe sessão do monólogo teatral *Maldito Coração (me alegre que tu sofras)*. A partir de R\$ 20,00, no site sesc-rs.com.br/espeticulosculturais.
- 🕒 **20h30min** - Ex-integrante do Haikaiss, rapper Pedro Qualy se apresenta no Opinião (José do Patrocínio, 834). Ingressos, em segundo lote, a partir de R\$ 80,00 no Sympla.
- 🕒 **21h** - Vanessa Moreno e Salomão Soares apresentam novo álbum *Outros Ventos*, explorando as possibilidades estéticas da MPB. No Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). De R\$ 80,00 a R\$ 200,00, no site Tri.RS.
- 🕒 **21h** - Show de InDuo, jazz instrumental com Luizinho Santos e Bethy Krieger. No Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). A partir de R\$ 36,00 no local. Informações: (51) 99880-7689.

DOMINGO, 26 DE ABRIL

- 🕒 **Das 16h às 19h15min** - Edição de abril do Barra/Música receberá o cantor Nei Lisboa e a banda de indie rock/pop Dingo no jardim do Baixo Barra, no BarraShoppingSul (Diário de Notícias, 300). Entrada gratuita, mediante *check-in* pelo app Multi. Em caso de chuva, o evento será transferido.
- 🕒 **20h** - Show da banda Entalhe, que transita entre o pop, jazz, MPB e rock alternativo. No Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). Entre R\$ 30,00 e R\$ 60,00, no local. Informações: (51) 99880-7689.
- 🕒 **20h** - Aclamado pelo povo da umbanda e do candomblé, Sandro Luiz une música, dança e religiosidade no Auditório Araújo Vianna (Oswaldo Aranha, 685). Ingressos em segundo lote, a partir de R\$ 80,00, no Sympla.

o gaúcho enfrentava os desafios da pintura e da vida de um homem decidido a ser pintor num país avesso à erudição. Por sua vez, a seleção de trabalhos de Iberê apre-

sentada na ocasião (e reproduzidas na publicação) reúne um pequeno recorte da coleção dos autores, acrescido de um conjunto de exemplares do acervo do local.

reportagem cultural

Caminhos literários

Rafael Gloria *

Quando foi que Caio Riter descobriu a leitura e a escrita? Vindo de uma família numerosa (é o mais novo de sete irmãos) e de poucos recursos, ele lembra do pai lendo os populares *pulp fictions*. “Eram histórias de espionagem, recorde histórias de uma personagem chamada Brigitte Montfort”, diz. A irmã mais velha, por sua vez, trazia para casa as fotonovelas, narrativas visuais de romances dramáticos. “Era uma espécie de gibi, com narrativas amorosas.” A essas primeiras lembranças, somam-se os quadinhos trocados com amigos.

No Ensino Fundamental, um episódio marcante aconteceu na escola pública do bairro onde morava, na Zona Norte de Porto Alegre. “A professora chamou alguns alunos em frente à turma e disse que eram os melhores alunos daquele ano.” Entre eles, estava Riter. Como prêmio, recebeu um livro. “Foi o livro da minha infância, o que eu tinha em casa.” O título: *As Aventuras em Gatópolis*.

Foi na biblioteca da escola, alguns anos mais tarde, que ele se deparou com um encontro decisivo ao conhecer a literatura de

Agatha Christie. “A partir disso, eu acredito que eu me tornei leitor mesmo, de ter a necessidade de estar com o livro sempre por perto”, diz. Para explicar essa virada, ele recorre a uma ideia da escritora Marina Colasanti. “Ela fala que a gente se torna leitor quando encontra um grande livro.” Não se trata, ressalta, de um critério objetivo de qualidade, mas de experiência. “É um livro que vai se tornar grande pra ti, porque tu vais ter uma experiência de leitura com ele que tu vais, depois, querer repetir”.

A escola foi importante para sua formação. “Sempre gostei de estudar. Era aquele aluno que chegava em casa e fazia os temas. Era uma criança tímida. Eu acho que a timidez, muitas vezes, te convida para a leitura também. Essa coisa de não se sentir muito acolhido pelo universo que te cerca”, diz. Para ele, nesse espaço a literatura pode ganhar força. “A descoberta da leitura fez isso: mostrou que o mundo era maior e que uma vida é pouca pra você viver tudo que



Caio Riter: ‘A literatura me mostrou que uma vida é pouco para você viver tudo que ela pode oferecer’

ela poderia te oferecer, então a literatura te apresenta essas outras possibilidades”, aponta.

O caminho para a universidade demorou a se desenhar. “Eu venho de uma realidade em que não se pensava em fazer faculdade”, afirma. Entre colegas, concluir o Ensino Médio já significava encerrar os estudos. Com ele, não foi diferente, ao menos no início. Chegou a se matricular em um cursinho pré-vestibular, mas desistiu rapidamente.

Seguiu-se um intervalo de cinco anos, onde se dedicou a tra-

balhar. A retomada veio por acaso, mediada por uma amiga. “Ela disse que o irmão dela ia voltar a estudar e que a gente podia fazer companhia um para o outro.” Riter aceitou. Depois de um ano e meio de cursinho, ingressou simultaneamente em dois cursos: Jornalismo e Contabilidade, área em que trabalhava na época. Mas a experiência na área das exatas durou pouco. “Continuei Jornalismo e comecei a fazer cadeiras na Letras também”. O trajeto universitário não seguiu a linha reta. Depois de concluir o Jornalismo, fez uma

pausa. Ao retornar, decidiu investir de vez em Letras. Concluiu a graduação e seguiu para o mestrado na Ufrgs.

Ao fim do mestrado, não seguiu diretamente para o doutorado. Foram dois anos até retomar o projeto acadêmico, período em que atuou como professor substituto. “Hoje as pessoas engatam uma coisa na outra”, observa. “E eu não tive pressa.” Mais recentemente, concluiu um pós-doutorado em Escrita Criativa, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 2019.

Escrevendo para crianças e jovens



Em frente a uma das bancas da área infantojuvenil da Feira do Livro de Porto Alegre, em 2011

Ao falar sobre sua entrada na literatura infantil e juvenil, Caio Riter descreve um processo que vai além da adaptação de linguagem. “Quando se escreve para a infância, a teoria diz que existe um processo de assimetria, porque há um autor adulto, na grande maioria das vezes, escrevendo para

um leitor criança.” Essa distância entre quem escreve e quem lê exige, segundo ele, um exercício de desprendimento. “O autor vai ter que se despir, na verdade, de toda a sua cosmovisão de mundo”, diz. Mais do que simplificar, é preciso recalibrar o olhar. Para ele, o texto literário, independentemente do

público, é sempre formativo, não por transmitir lições, mas por ampliar a capacidade de empatia. Ao colocar o leitor no lugar do outro, seja em termos de gênero, cor ou idade, a literatura cumpre um papel essencial na construção de uma visão mais complexa do mundo.

No caso da infância, essa dimensão ganha contornos específicos. A linguagem precisa ser pensada em termos de extensão, ritmo e imagética, mas sem abrir mão da liberdade criativa. “A literatura para a infância tem que ser um espaço de imaginação, de fantasia, sem doutrinação”, resume. Esse equilíbrio, no entanto, é constantemente tensionado. “Nós, escritores, passamos por diferentes censuras”, diz. A primeira delas, ele diz, é a autocensura, especialmente forte quando o autor pensa no ambiente escolar, principal mediador de leitura. Depois, vêm os limites impostos pelo mercado editorial e, por fim, a recepção do público.

Mesmo assim, Riter defende que não há temas proibidos.

“Na minha concepção, tudo pode ser tocado, tudo pode ser falado”, afirma. A diferença está na forma. Questões difíceis, como morte ou separação, também fazem parte da experiência das crianças e podem ser elaboradas pela literatura.

A professora da área de Letras do IFRS, Ana Paula Cecato, diz que Riter, sobretudo quando os textos são endereçados ao leitor jovem, traz uma abordagem de temas sensíveis sem comprometer a linguagem literária. “A subjetividade das personagens é explorada de forma esférica, o leitor identifica-se com seus afetos e seus desamparos, e tem a compreensão de como estão inseridas (ou deslocadas, muitas vezes) de seus espaços de socialização e de formação humana (escola, família, por exemplo)”, diz.

Ao diferenciar a escrita para crianças e jovens, Caio Riter aponta mudanças que envolvem tanto a forma quanto o foco narrativo. No caso da infância, ele destaca textos mais curtos e maior abertura à imaginação. “Os personagens,

nesse universo, costumam ser mediadores da experiência infantil: personagens que representam a criança, como animais e brinquedos”, aponta. Em sua própria obra, isso se confirma ao trazer esses personagens.

Já na literatura juvenil, a distinção aparece no tipo de história contada. Riter propõe duas linhas: uma centrada na ação, “em que tudo acontece fora do personagem”, como nas narrativas de aventura; e outra, que lhe interessa mais, voltada à interioridade. Nesse caso, o ponto de partida é subjetivo: “qual é a dor do meu personagem, qual é o problema dele?”. Essa escolha resulta em textos mais densos, que exigem identificação do leitor. “Ele lê aquilo e pensa: ‘poxa, eu me vejo representado nesse personagem’”. Por isso, seus livros para jovens tendem a ser “mais pesados ou mais realistas do que o texto para a infância”, marcando uma transição para conflitos internos mais complexos.

Vocação coletiva

Atualmente há muitos clubes de leitura e espaços de mediação em Porto Alegre, mas poucos têm a trajetória da Confraria Reinações, criada em 2007 e dedicada à literatura infantojuvenil. Caio Riter está entre os fundadores. A origem do grupo revela também uma postura crítica diante do próprio campo literário. “Reinações surgiu como rebeldia”, conta. A ideia nasceu após um encontro frustrado em outro coletivo, no qual foi sugerida a leitura e o debate de um livro para jovens. A reação foi de desdém. Para Riter, o episódio sintetiza um preconceito ainda recorrente com o gênero. Para estudar e aprofundar a pesquisa, nasceu o Reinações.

Desde então, o grupo se consolidou como um espaço constante de leitura e debate. “É um grupo aberto, então a gente lança e quem quiser aparecer, aparece”, explica Riter, sobre os encontros mensais, que hoje acontecem na Cirandar, depois de passagens por diferentes espaços da cidade. O coletivo se firmou como um ponto de encontro para leitores, escritores e interessados na literatura para crianças e jovens, contribuindo para dar visibilidade ao gênero.

A iniciativa também teve impacto direto na formação de outros autores. O escritor Christian David relembra o início de sua trajetória: “Eu era um escritor iniciante e o



Recebendo o Prêmio AGES em 2017, por *Cecília que amava Fernando*

Caio foi muito receptivo e inclusive com alguém tão desconhecido como eu. Logo fizemos amizade e fundamos a Confraria Reinações juntos”. Ele destaca ainda a dimensão humana dessa relação: “Fiquei impressionado com a generosidade do Caio em acolher e ajudar livremente pessoas interessadas em literatura e escrita”.

Para Laura Castilhos, a experiência coletiva está diretamente ligada à sua atuação na Reinações. “Tenho a sorte de conviver com Caio há bastante tempo, mais precisamente 19 anos, quando comecei a frequentar a Confraria Reinações, uma de suas grandes iniciativas literárias”, afirma. Ela destaca o caráter pioneiro do grupo no Rio Grande do Sul. Laura

também chama atenção para o papel simbólico do coletivo: “Reinações analisa e discute obras infantis e juvenis e coloca esse segmento da literatura onde ele sempre deveria estar: nas alturas, taco a taco com a dita literatura adulta (aliás, tudo é literatura!)”.

Essa vocação coletiva se desdobra em outro projeto: o Coletivo Seis+1, formado por Riter, Christian David, Alexandre Brito, Antônio Schimeneck, Gláucia de Souza e Laura Castilhos. “Eu já vinha há um tempo querendo reunir um grupo de escritores para a gente pensar, se reunir para conversar sobre a escrita”, conta Riter. A ideia ganhou forma durante a pandemia, quando os encontros passaram a acontecer semanalmente.

O nome do grupo carrega, desde o início, uma proposta de abertura. “Seis mais um porque a ideia era que, a cada mês, a gente incluísse uma pessoa no grupo no sentido de trazer novas ideias para a gente não ficar encastelado só entre nós seis.” Ainda que o núcleo tenha se mantido estável, formado por seis autores, a lógica de troca e circulação de ideias permanece como princípio.

A passagem da conversa para a criação coletiva veio pouco depois. “Chegou um determinado momento que a Gláucia disse: por que a gente não escreve juntos?”, lembra Riter. O primeiro resultado foi a novela juvenil *E Fiquem Bem*, concebida durante a pandemia, mas sem referência direta ao contexto. “A gente quis falar da pandemia sem falar da pandemia”, explica, criando “um prédio onde moram cinco pessoas” como espaço simbólico da narrativa.

O livro foi finalista do Jabuti e abriu caminho para novas experiências, como *Por Enquanto*, obra de poesia juvenil. Um dos traços mais marcantes do coletivo é a recusa da autoria individual: “aparece o nome dos seis na capa, mas quem fez o quê, a gente não revela”. Em alguns casos, os textos são reescritos coletivamente. Em outros, se mantêm a voz de um único autor, ainda que dissolvida no conjunto.

Livros marcantes e influências

Ao revisitar a própria trajetória, Caio Riter organiza suas obras a partir de marcos afetivos e de circulação. Entre eles, *O rapaz que não era de Liverpool* ocupa um lugar central. “Às vezes eu brinco assim, AR, antes do Rapaz, DR, depois do Rapaz”, diz, ao destacar o impacto do livro. “Até hoje, fora do Rio Grande do Sul, eu sou muito ligado a ele”, afirma.

Outra obra que ele considera um marco é *A cor das coisas finas*, associado ao reconhecimento institucional. “Foi a primeira vez que eu recebi um

prêmio literário”, lembra, referindo-se ao Açorianos. Já no campo da literatura infantil, ele cita *Sete Patinhos na Lagoa*, “um dos mais traduzidos”, que conquistou leitores dentro e fora do Brasil.

Mas é em *Meu pai não mora mais aqui* que aparece uma dimensão mais direta da relação com os leitores. Escrito em forma de diário, o livro alcançou grande circulação ao ser adquirido por políticas públicas e chegar às bibliotecas escolares. “Os adolescentes, quando leem esse livro, têm vontade de fazer contato comigo”, conta. Pelas redes, recebe relatos que o marcaram: “Foi o primeiro livro que eu li inteiro”, “foi o primeiro livro que eu li na minha vida, ler de verdade”. Esse livro me dá essa alegria”, resume.

Ao lado dessas obras, há também aquelas que ganham vida no encontro com o público infantil, como *Fusquinha cor-de-rosa*. “As crianças amam muito”, admite. Tanto que uma biblioteca da

escola de Morro Reuter leva seu nome e foi toda ambientada a partir do livro.

Na tentativa de encontrar um caminho para essa escrita, Riter buscou autores que admirava. “Quem é que escreve bem pra jovem e que eu gosto do jeito que escreve?”, se perguntou. Entre as referências, aparecem duas escritoras gaúchas: Lygia Bojunga e Jane Tutikian. Sobre Bojunga, destaca a profundidade emocional. “Ela tem uma coisa de mergulho na dor, no sofrimento do personagem, ainda que siga um caminho diferente do meu, mais ligada ao fantástico”, diz. Já no caso de Tutikian, a identificação passa por um tom mais direto. “Eu gostava muito de um livro dela, *A cor do azul*, que é um livro bem intimista”, afirma, reconhecendo ali uma aproximação com o tipo de narrativa que também buscava desenvolver.

Há, porém, um livro que ocupa um lugar singular. “Tem uma obra que eu sempre digo que gostaria de ter escrito”, afirma, referindo-se a *O Apanhador no Campo de Centeio*, de J. D. Salinger. “Pra mim é o melhor texto para jovem já escrito”, diz. “Eu acho que às vezes é um pouco isso que eu busco”, resume, “produzir um texto que dialogue com o que o Salinger fez.”

Destaques da obra de Caio Riter

Caio Riter soma mais de cem publicações. Aqui listamos dez delas, como pontos de partida para sua obra

- **Chico** (infantojuvenil). 2ª ed. Porto Alegre: WS Editor, 2001. (esgotado)
- **O rapaz que não era de Liverpool** (juvenil). São Paulo: Edições SM, 2006.
- **Meu pai não mora mais aqui** (juvenil). São Paulo: Biruta, 2008.
- **A formação do leitor literário em casa e na escola** (didático). São Paulo: Biruta, 2009.
- **Vento sobre terra vermelha** (contos). Porto Alegre: 8Inverso, 2012.
- **Futurações** (poesia juvenil). Porto Alegre: Projeto, 2014.
- **Cecília que amava Fernando** (juvenil). Porto Alegre: Editora da Cidade, 2016; 2ª ed. Editora Edelbra, 2018.
- **Três dias e mais alguns** (juvenil). São Paulo: Editora do Brasil, 2019.
- **Rinocerontes alados** (juvenil) – Porto Alegre: BesouroBox, 2022
- **Pássaro possível** (juvenil) – São Paulo: Editora Elo, 2024



Caio Riter: ‘A literatura para a infância tem que ser um espaço de imaginação’



✦ Rafael Gloria é jornalista, mestre em Comunicação (Ufrgs) e editor do site Nonada Jornalismo.

nas telas



Betty Blue recebe edição remasterizada após 40 anos de lançamento

Clássico cult dos anos 1980

Dirigido por Jean-Jacques Beineix e considerado um dos principais filmes *cult* dos anos 1980, *Betty Blue* retorna aos cinemas em versão remasterizada a partir deste final de semana. Lançado originalmente em 1986, o longa acompanha a história de Zorg (Jean-Hugues Anglade), um aspirante a escritor que leva uma vida simples e tranquila no sul da França — até a chegada de Betty (Béatrice Dal-

le), uma jovem impulsiva, livre e absolutamente apaixonada pela vida. O que se segue é um romance intenso, visceral, marcado por momentos de alegria, desejo e criação artística, mas também por fragilidades emocionais que, pouco a pouco, vêm à tona. O filme ficou famoso pela ousadia, com cenas intensas de nudez e sexo, e transformou sua atriz principal em um ícone do cinema europeu.

Uma investigação perigosa

Após estreia no Festival de Cannes e o prêmio para a atriz Léa Drucker no César, principal honraria do cinema francês, *Caso 137*, de Dominik Moll, chega às salas brasileiras. O filme acompanha Stephanie, uma policial do Departamento de Assuntos Internos da Polícia Francesa que está encarregada de investigar as agressões a um jovem

durante um protesto dos Coletes Amarelos, manifestações que se tornaram corriqueiras na França pré-pandemia. A dedicação da policial ao caso acaba se tornando um desafio quase pessoal, já que traz à tona práticas corporativas do seu próprio grupo de trabalho, bem como a desconfiança dos familiares do jovem machucado.

Situações cômicas em família

Dirigida por Carol Durão, *Um Pai em Apuros* é uma comédia que trabalha situações familiares de forma divertida, com uma linguagem voltada a espectadores de todas as idades. No longa, Fred (Rafael Infante) vê sua rotina sair completamente dos trilhos quando Roberta (Dani Calabresa), sua esposa e mãe de seus quatro

filhos, decide tirar férias, deixando todos os cuidados da casa nas mãos do marido. Entre preparar o café da manhã para as crianças, organizar a rotina dos filhos e tentar não perder o controle da situação, ele vive uma sequência de tentativas improvisadas que acabam se transformando em momentos de puro caos.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Condenação máxima em alguns estados norte-americanos Gostoso; delicioso	Modelo de avião comercial	Tímido; acanhado Fartura, em inglês	Fórmula usada no estudo da Geometria	Procedimento de pequenas cirurgias
Codiretor do documentário de guerra "Super-power"				(?) Francisco, rio que cruza a Caatinga
Mamíferos de regiões árticas como o ádax			"Nada", nas redes sociais	
Barbeiro, em inglês	Propósito			
O objeto comum transformado em obra de arte, para Duchamp	Parte móvel da dobradiça			(?) Amazônia, ONG ambiental
		(?) Milito, pianista e compositor Bordoada	Pop (?), cantor famoso	
O menor estado indiano		(?) -137, metal radioativo		
Um dos primeiros tipos de impressora	Cassiano (?), poeta e ensaísta brasileiro	Órgão que emite laudos cadavéricos		
				A folha presa diretamente no tronco
Medida de comprimento (pl.)				
Recurso que auxilia o árbitro no lance duvidoso (fut.)	Aumento de preços (?) Jones, ex-piloto		A Terra dos Verdes (sigla)	
		As praças das antigas assembleias gregas		
		Prazer da pessoa caridosa	Flor que simboliza a castidade	
Estepe, na África (ing.)			Caráter da produção agrícola	
			Trajatória do cavalo no xadrez	

BANCO 4/alan — veid. 6/ágoras — barber — plenty. 9/ready-made. 10

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Acesse nosso site!

COQUETEL

Solução

T		S	V	Z	O	N	V	L	
S	L	U	V	D	D	T	E	V	
S	V	R	O	V	R	V	A		
E	C	V	T	V	A	V			
S	O	R	T	M	E	C	D		
	T	V	I	C	I	E	D	M	
S	V	A	P	V	A	R	R		
O	I	S	E	C	A	O	G		
S	S	D	O	S	O	R	A		
	E	V	M	D	V	R	A		
O	N	T	I	N	I	O	O		
V	S	R	B	R	B	R	V		
S	E	S	O	L	T	I	N	V	
N	N	P	E	A	N	S	E		
V		T	I	P					

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

♈ Áries: Momento de excitação dispersiva e de tendência a se atrapalhar com seus interesses. Procure saber o que é principal, neste dia, para não ficar se debatendo sem sair do lugar

♉ Touro: Algumas boas oportunidades, em especial nos contatos, estudos e viagens, se perdem na desorganização. Você tende a pensar de um jeito e agir de outro, às vezes sem perceber

♊ Gêmeos: Contradições e atitudes exaltadas no modo de lidar com dinheiro e com bens materiais. É preciso focalizar os esforços, diante das muitas direções lhe confundem.

♋ Câncer: Você tende a querer muitas coisas, e parece ter muitos braços e mãos e ideias que podem divergir sem se perder. Estes excessos e exaltações prejudicam o trabalho.

♌ Leão: Você tende a ser movido por alguns sentimentos, os quais pode não localizar quais são. Cuidado para não se confundir, pois hoje, nem tudo é como você espera.

♍ Virgem: Dia negativo para lidar com dinheiro e negociações. Você tende a dispersar esforços, mesmo quando são bem intencionados. Na vida a dois, as surpresas aproximam vocês.

♎ Libra: É de se esperar que os contatos em seu trabalho prometam muito mais do que possam cumprir. As oportunidades devem ser bem selecionadas por você.

♏ Escorpião: Tentar outras opções no trabalho pode ser prejudicial, na medida em que se afaste do planejado. Mas as surpresas e as novidades dão maior colorido à vida amorosa.

♐ Sagitário: O dispersivo e estimulante aspecto entre Mercúrio e Júpiter indica muitas possibilidades na vida amorosa. Mas veja se não seriam apenas promessas exaltadas, mas incertas.

♑ Capricórnio: Este é um dia oportuno para dar seu melhor nas relações familiares e no casamento. Um dia movimentado, que favorece mais seguir o que é certo, do que se seduzir pelo incerto.

♒ Aquário: Dia de muitas atividades a serem coordenadas. Forte tendência a dispersar esforços. Não queira fazer tudo ao mesmo tempo, vá cumprindo suas tarefas uma a uma.

♓ Peixes: Os negócios tendem a parecer mais promissores ou confusos, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Não é hora de arriscar. Não obstante, você está em dia de boa inspiração.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

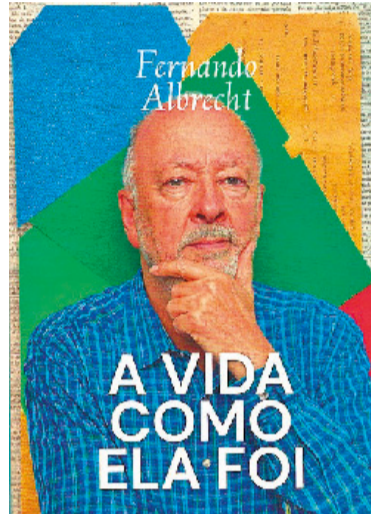
As memórias vivas de Fernando Albrecht

Memória é onde as coisas acontecem muitas vezes, em formas e tempos diferentes, para quem lembra, expressa ou toma conhecimento delas. *A vida como ela foi* (Bá Editora, 152 pág, R\$ 65,00), do grande jornalista Fernando Albrecht, traz crônicas com memórias vivas sobre sua infância e adolescência no Interior e trajetória adulta em Porto Alegre. Um dos maiores jornalistas brasileiros, há décadas ele segue editando a imperdível página 3 do *Jornal do Comércio*. Albrecht foi editor da página 3 de *Zero Hora*, comentarista da *Rádio Bandeirantes* e produziu programas de TV como o pioneiro *Campo e Lavoura* e *Pregão*, o primeiro sobre mercado acionário do Sul.

O livro, editado pela talentosa jornalista e escritora Mariana Bertolucci, foi uma iniciativa secreta do consagrado jornalista Felipe Vieira, quase futuro prefeito de Butiá, e contou com o prestígio dos amigos e admiradores

Airton Zaffari, Claudio Bier, Doca Mottin, Nestor Hein e Rodrigo Machado. No prefácio, disse Felipe: “Albrecht tem qualidades que ajudam a explicar sua longevidade no jornalismo: inteligência, curiosidade e muita determinação. É um estudioso da condição humana, um observador perspicaz capaz de perceber nuances que passam despercebidas para a maioria das pessoas. Tem um talento raro para enxergar a verdade escondida nas pequenas coisas.”

A música da mãe na bonita São Vendelino, onde Albrecht nasceu, os primeiros e duros tempos em Porto Alegre, estudando e trabalhando, as primeiras conquistas no jornalismo e nos amores, as primeiras farras nos bares e casas noturnas, as comidas, as pessoas e os ambientes da Porto Alegre que já foi mais sorriso e alegre revelam as prodigiosas memórias olfativa, gustativa, visual, auditiva e tátil de Fernando.



Apesar das décadas bem vividas, ele ainda é o guri curioso, disciplinado e determinado que lembra do sol visto pela primeira vez na Serra Gaúcha.

Em breve, Albrecht vai autografar *A vida como ela foi*, cuja primeira edição está quase esgotada. Não se assustem, a segunda já está prevista.

e palavras...

A MODERNIDADE NO DIVÃ

Ninguém mais duvida de que, em meio a tanta informação, tecnologia, digitalização e Inteligência Artificial, andamos meio perdidos, muitos de nós digitalmente intoxicados e muitos dominados por algoritmos vindos de todo lado, nos botando a comprar, votar, pensar, falar e decidir o que os tais algoritmos querem. Somos peixes estonteados caídos nas redes sociais. Quem não cai na rede é peixe fora d'água. Dom Quixote leu romances de cavalaria demais e saiu montado no seu magro Rocinante a cavalgar por aí, acompanhado de seu fiel escudeiro Sancho Pança. Com excesso de informação, sons, imagens e estímulos diversos, somos Dom Quixotes digitais, sem um Sancho Pança de escudeiro para nos ajudar a cair na real.

A modernidade no divã (Summus Editorial, 208 pág, R\$ 85,90), do experiente e renomado psicólogo e analista reichiano Dante Moretti, autor de *Burnout* (Editora Matrix, 2023) e *Wilhelm Reich e saberes insurgentes* (Summus Editorial, 2024), fala com clareza e consistência sobre a revolução da subjetividade no século XXI. Ele fala e reflete sobre nossas vidas que sofreram uma transformação silenciosa e acelerada, mostrando que regras, desejos e comportamentos se remodelam num ritmo que desafia a nossa compreensão.

O autor nos fornece ferramentas necessárias para colocar, na medida do possível, ordem no caos reinante por aí. É preciso conhecer as novas dinâmicas do mundo para não se tornar vulnerável às suas poderosas

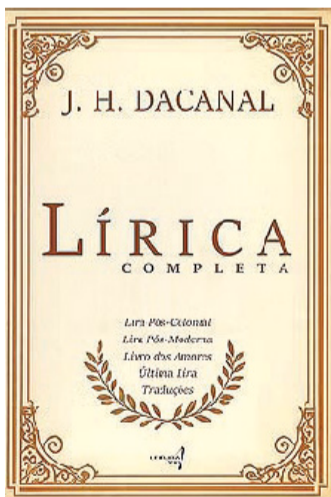
armadilhas. Moretti, acima de tudo, foca na proteção de nossa integridade psíquica e nos ajuda a identificar as forças que nos influenciam. Precisamos ganhar autonomia para agir antes que padrões disfuncionais se instalem.

Moretti não se baseia em especulações tecnológicas e prefere colocar os pés no chão. Ele privilegia o humano em detrimento da máquina. Valoriza o real, o imperfeito e o vivido. Moretti cria uma ponte entre do digital e nossas raízes. Nos convida a sentir a vida, ao invés de apenas observá-la de longe. Ele não apresenta promessas de felicidade absoluta e aponta caminhos para encontrar equilíbrio em meio ao caos.

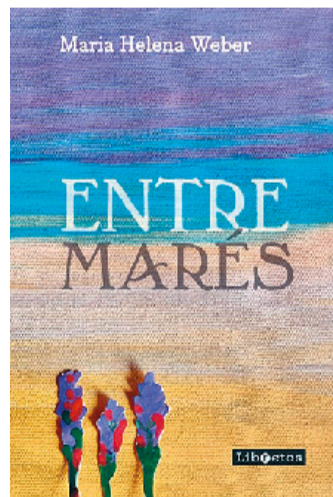
Precisamos ter consciência sobre a dimensão que a vida virtual está assumindo em nosso cotidiano. Celulares, com ou sem nosso consentimento, nos espiam o tempo todo? Como podemos conviver saudavelmente com a Inteligência Artificial? Moretti situa bem o universo da psicoterapia corporal no tempo presente da revolução digital, com base nos ensinamentos de Wilhelm Reich.

Moretti fala do livro *Alice no país das maravilhas*, reflete sobre vida digital, democracias digitais, Édipos tradicionais, gays e virtuais, fala sobre masculino agressivo e passivo feminino, sexualidade saudável, intimidade digital, Inteligência Artificial e propõe subjetividades capazes de usufruir das relações humanas presenciais e também da intimidade virtual, mantendo um saudável equilíbrio entre as duas.

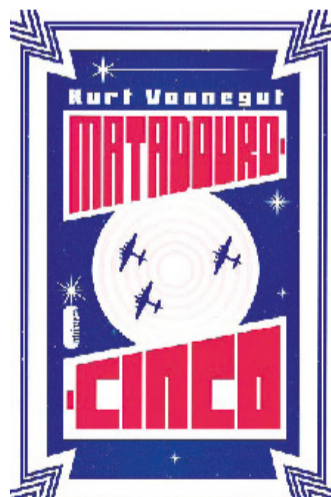
lançamentos



► **Lírica Completa** (Leitura XXI, 232 pág, R\$ 50,00), de J.H. Dacanal, jornalista, professor universitário, autor de mais de trinta livros e centenas de artigos e ensaios, traz os livros de poemas *Lira Pós-Colonial*; *Lira Pós-Moderna*; *Livro dos Amores*; *Última Lira* e traduções de Catulo, Horácio, Shakespeare, Ovídio e Hoelderlin. “Dacanal cria, ao mesmo tempo, uma poética densa em pensamento e tocante em sua expressão”, diz Sergius Gonzaga na apresentação.



► **Entre marés** (Libretos, 188 pág, R\$ 60,00), romance da professora, pesquisadora e escritora multipremiada Maria Helena Weber, é uma densa e sensível história de amor e desamor vivida por Matteo, a esposa Chiara e a amante Caetana durante décadas, entre o Brasil e a Itália. “A agilidade narrativa de Maria Helena é mágica: ela traz e leva seus personagens com a precisão de uma maestrina ou de uma poeta”, disse Pilar del Rio na apresentação.



► **Matadouro-Cinco** (Intrínseca, 232 pág), livro mais emblemático de Kurt Vonnegut, traz Billy, protagonista. Como Vonnegut, testemunhou como preso de guerra, em 1945, a morte de milhares de civis, a maior parte por queimaduras e asfixia, no bombardeio que destruiu Dresden, na Alemanha. Sobreviveu por conta de um trabalho e voltou para os Estados Unidos. Relata sua vida pacata, em meio a episódios fantásticos de viagens no tempo e no espaço.

a propósito

Em síntese, o autor propõe, para não sermos engolidos pela tecnologia, que enfrentemos certas contradições da contemporaneidade. Como viver com profundidade na era da intimidade artificial? Como apreender a complexidade da vida moderna em vídeos de um minuto e meio? Como espalhar a pulsão da vida quando a credibilidade se baseia

em número de seguidores? Como educar nossos jovens quando uma Inteligência Artificial é a “mente” mais informada da casa? Como capacitar o ego a lidar com a frustração se a satisfação está a um clique? Como reaprender a ler um livro? Como se vê, a obra é um belo convite para navegar pelas águas turbulentas do século XXI. (Jaime Cimenti)

pensando cultura

Fundação Ecarta promove lançamento de cinco livros de poesia neste sábado

Andressa Pufal

Para escapar da morte, Marco Polo, diante da espada do poderoso Kublai Khan, começou a descrever em detalhes suas aventuras pela Rota da Seda. Histórias sobre seres fantásticos, pedras preciosas, cheiros inesquecíveis e sabores de especiarias: foi a salvação de seu pescoço. A condenação de morte teria que esperar para saber o fim daquela história – e depois da outra e da outra.

É este o conceito que dá nome e sentido ao Especiaria. Mistura de revista digital, repositório, incubadora e, principalmente, divulgadora de literatura brasileira, a Especiaria nasceu com o intuito de nos safar da morte. Claro que não a literal, mas a morte que chega através de uma vida sem arte, sem poesia. É no início de 2025 que Lucio Carvalho, Léo Tavares, Mar Becker e Thomaz Albornoz Neves sentiram a necessidade de criar um espaço de conversação literária em nível nacional.

Quase um ano depois, os editores, que também produziam textos autorais para o site, se deram conta de que tinham

um material rico e pronto para virar livro. E assim foi. Agora, a primeira leva da Coleção Especiaria já foi lançada e terá um evento de “confirmação”, como definiu Lucio, neste sábado, entre 15h30min e 17h30min, na Fundação Ecarta (Av. João Pessoa, 943).

“Como os livros já foram lançados no final do ano passado, não é bem o lançamento de uma novidade”, explica Lucio. “Mas, sim, uma confirmação. A gente queria um momento para dizer: essa coleção existe! Queríamos um momento de exposição deste trabalho. A exposição virtual já existe, mas queríamos um encontro.”

Os livros de poesia – *Pinturas Ruins* (Léo Tavares), *Errata* (Lucio Carvalho), *Erva de Canção* (Mar Becker), *Notas do Mare Nostrum* (Thomaz Albornoz Neves) e *Fotossíntese para Fantasmas* –

mas (Marco de Menezes) – que entraram em pré-venda no final do ano passado e já circulam pelas mãos dos leitores, serão lançados em uma roda de conversa com os autores, que vão autografar os exemplares. “A gente vê esse momento como uma oportunidade de conversar com os leitores e planejar os próximos lançamentos também. Esse encontro é super importante.”

A coleção surgiu no momento em que os editores perceberam que tinham material suficiente para migrar do site para uma mídia física. São produções que reúnem textos diversos dos últimos anos de trajetória dos autores, mesclando temas e conceitos completamente diferentes entre si. Isso reflete o propósito do Especiaria, que busca uma variada gama de vivências, mas com um interesse comum por trás: a arte literária. “Todos ali tem uma perspectiva própria e diferente. O que nos une é uma

atitude de respeito e de amor pela literatura.”

Errata, de Lucio Carvalho, é um dos livros que serão apresentados na ocasião. O autor conta que ele nasceu de uma continuação do seu livro anterior, *Inventário*, finalista do prêmio Açorianos de 2024. Os textos nascem de um ato de revisitar o que já tinha sido escrito ali, desenvolver, maturar e aproveitar poemas que haviam ficado de fora. Trazem a mesma propulsão poética que formou e forma as poesias do autor. Algo difícil de definir, mas que ele tenta: “a minha poesia é bastante contemplativa, traz coisas do cotidiano que são comuns a todas as pessoas. Mas se tu me perguntares isso amanhã, talvez eu diga outras coisas”, brinca.

Em *Mare Nostrum*, o tema já é mais definido e cheio de maresia: o autor traz notas poéticas que escreveu durante um único dia em seu retiro de inverno em Punta del Este. O trabalho, que permaneceu inédito por três décadas, é escrito em prosa poética e explora os limites da consciência e da linguagem, meditando

sobre a ideia de talvez o mundo só exista através do olhar que o contempla. Em *Fotossíntese para Fantasmas*, nono livro de Marco de Menezes, o autor se debruça sobre temas como o encantamento infantil diante do vida, os mistérios do mundo natural, com um olhar afinado “para as pequeníssimas coisas que ninguém vê, ninguém dá valor. Elas me interessam muito”, expõe o autor. “Publicar poesia é um salto no abismo. Mas sempre se quer passar algo para o leitor que vai nos apreciar”, completa.

O lançamento trazer, de uma vez só, cinco livros também foi algo planejado: os autores queriam um momento de coletividade, que refletisse a identidade visual e a vontade comum entre as produções. Havia também a intenção de promover encontro entre autores e ideias, em contraste com outros lançamentos que, geralmente, são muito individuais. E com essa nova literatura, assim como Marco Polo, a gente tenta fugir um pouco da morte ou, pelo menos, conseguimos recheiar mais a vida pra nos afastar dela.

Coleção Especiaria reúne poesias de cinco autores gaúchos; lançamento tem entrada gratuita e bate-papo com os escritores



ESPECIARIA/DIVULGAÇÃO/JC